

PSDB terá debandada de vereadores com briga interna e indefinição sobre apoio a Nunes nas eleições

A janela partidária para as eleições municipais de 2024, que abre nesta quinta-feira, 7 de março, deve inaugurar uma debandada do PSDB na **Câmara** Municipal de **São Paulo**. O Estadão apurou que ao menos quatro vereadores, dos oito em exercício, já decidiram abandonar o partido antes da disputa de outubro.

Interlocutores, porém, apostam que as baixas podem chegar a seis ou sete nomes, incluindo na conta de potenciais dissidentes o vereador licenciado Carlos Bezerra Júnior, que está há mais de 20 anos no PSDB e atualmente responde pela Secretaria de Assistência e Desenvolvimento Social do município. Ele não atendeu a reportagem.

A bancada tucana na capital reclama da falta de diálogo com a executiva nacional, chefiada hoje pelo ex-governador de Goiás, Marconi Perillo, da demora na montagem da chapa para o Legislativo e da indefinição sobre o apoio ao prefeito **Ricardo Nunes** (MDB). O grupo defende a composição sob o argumento de que o governo do emedebista representa a continuidade do trabalho de Bruno Covas.

Sob uma perspectiva mais pragmática, citam ainda a falta de protagonismo do partido em **São Paulo** e a previsão nada otimista de que a sigla não deve eleger mais do que dois ou três parlamentares este ano. Em 2020, foram oito vereadores eleitos, resultado que já ficou abaixo dos anos anteriores, mesmo com a vitória de Covas na disputa pela prefeitura.

Fábio Riva, líder do governo na **Câmara**, irá para o MDB, mesmo partido do prefeito. João Jorge, o primeiro a puxar a fila, além de Aurélio Nomura e Sandra Santana, também estão de mudança. As conversas envolvem, além do MDB, o PSD do ex-governador Gilberto Kassab, e o União Brasil do presidente da **Câmara**, Milton Leite. Podemos e PL surgem como alternativas.

Os demais integrantes preferiram não comentar o assunto ou não foram localizados. Até mesmo o líder do PSDB na **Câmara** e vice-presidente da comissão provisória no diretório municipal, Gilson Barreto, é tido como uma possível saída entre colegas; seu gabinete vem negando pedidos de entrevista desde o começo de fevereiro.

Sobrevivência política

Entre os vereadores consultados pela reportagem, existe a percepção de que disputar a eleição pelo PSDB é um risco, e que o partido está numa luta contra o tempo para

montar uma chapa minimamente competitiva para o Legislativo municipal. O problema é que o diretório municipal teve três presidentes diferentes em cerca de três meses, o que atrasou todo o processo. O prazo de filiação para um candidato disputar a eleição termina em 5 de abril.

O PSDB nacional nomeou uma comissão provisória em outubro do ano passado, destituindo Fernando Alfredo, mas este só deixou o posto em dezembro. Em janeiro, o novo presidente, Orlando Faria, renunciou ao cargo e virou coordenador político da campanha de Tabata Amaral (PSB) pela **prefeitura de São Paulo**. O terceiro presidente foi escolhido uma semana atrás: o ex-senador José Aníbal, que tem agora a missão de consultar lideranças e definir qual será a posição do PSDB em relação à disputa pelo comando da capital. Ele conversou com a bancada na terça-feira, 5.

Uma regra interna do partido determina ainda que, para as cidades com mais de 100 mil habitantes, a indicação para a configuração das disputas municipais deve obrigatoriamente passar pelo crivo da executiva nacional.

Aníbal disse ao Estadão que está em "fase de apuração" e não poderia "fazer uma síntese sem conversar antes com a maioria", mas ressaltou que não pode "abrir mão de que o PSDB tenha protagonismo nesta eleição", seja compondo com outro candidato ou lançando um nome próprio. Não há prazo para definição. Segundo ele, a decisão vai levar "o tempo que for necessário, mas que seja o quanto antes".

O vereador João Jorge, o primeiro a anunciar publicamente que deixaria o PSDB, ainda em janeiro, diz que, nas atuais circunstâncias, é "suicídio eleitoral" permanecer na chapa. Outros partidos já estariam em fase final de formação da lista de candidatos. "O prazo (de filiação) termina no começo de abril, e ninguém vai arriscar. É loucura". O parlamentar critica ainda a indefinição sobre o apoio a Nunes. "Não se lança candidato a prefeito de **São Paulo** do dia para a noite."

O recorte da eleição passada também não ajuda: mesmo vencendo a disputa pela prefeitura com Bruno Covas, o PSDB teve cinco cadeiras a menos do que em 2008, por exemplo. O total de votos retraiu 40% em quatro anos na capital paulista, somando todos os candidatos a vereador e os votos de legenda (quando o eleitor digita apenas o número do partido na urna).

A avaliação de que uma nova queda no desempenho estaria a caminho representa uma ameaça principalmente

para os vereadores que foram eleitos com uma margem mais apertada, ou seja, mais para baixo na lista de 2020. Esse é o caso de Aurélio Nomura, Sandra Santana e Fábio Riva - além de Gilson Barreto, que terminou como primeiro suplente do PSDB, mas exerceu um mandato inteiro no lugar de **Eduardo Tuma**, hoje **conselheiro** do **Tribunal de Contas do Município**.

Mesmo quem manifesta o desejo de ficar no partido não garante a permanência por esse motivo. O vereador Xexéu Tripoli afirmou que pretende decidir apenas no último momento com base na formação da chapa. A sua previsão, nada otimista, é que o PSDB só consiga eleger de dois a três vereadores este ano. Ele também faz coro às reclamações sobre o atraso no procedimento e a indefinição sobre apoiar ou não o prefeito.

Falta de diálogo

Outra reclamação recorrente entre os parlamentares é que não houve diálogo com as lideranças nacionais ao longo do mandato. Nesse sentido, uma entrevista do governador do Rio Grande do Sul, Eduardo Leite (PSDB), ao jornal O Globo, depois de o prefeito **Ricardo Nunes** comparecer ao ato convocado pelo ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) na Avenida Paulista, foi encarada como a "gota d'água".

O governador gaúcho sustentou que, apesar de ter dado continuidade ao governo Covas, a associação de Nunes a Bolsonaro "destoa do que o PSDB está buscando representar" nacionalmente, que seria uma alternativa ao cenário de polarização no Brasil. "O esforço é no sentido de ter uma candidatura própria", declarou Leite, rejeitando uma aliança com o prefeito.

"Esqueceu de combinar com a bancada", critica a vereadora Sandra Santana, argumentando que Nunes deu continuidade ao "projeto político" do PSDB na capital e que gestores indicados pelo partido estão presentes nos vários escalões da administração municipal. "Seria até uma insanidade não apoiá-lo."

"Eduardo Leite só vem 'turistar' aqui em **São Paulo** e quer opinar, sem ouvir quem vive aqui diariamente, que são os vereadores e os deputados. Veremos quem está certo na história. Quem vem aqui e assiste de camarote ou quem vive a realidade da cidade todos os dias", responde Fábio Riva. "Se fosse só uma decisão minha, ou de dois ou três parlamentares. Mas é toda uma bancada de deputados estaduais e de vereadores da capital. Será que a direção partidária está no caminho certo?"

Para Riva, o adiamento da definição pode ser uma estratégia para fragmentar o grupo que defende compor com o prefeito e facilitar a decisão de lançar um candidato próprio na capital paulista. Outros vereadores não acreditam que uma posição seja firmada tão cedo e que, a cada dia que passa, um eventual apoio perde mais peso político.

A referência aos deputados se deve a uma reunião da bancada da federação PSDB-Cidadania na Assembleia Legislativa do Estado (Alesp), na semana passada. Segundo o deputado Barros Munhoz, cinco parlamentares do PSDB e três do Cidadania concordaram que ter um nome na disputa de **São Paulo** este ano não é uma boa ideia. "O PSDB está tão fragilizado que lançar uma candidatura própria vai ser vexaminoso. Precisamos ser sérios e responsáveis. Não temos força para isso. O que fizeram com o partido é uma barbaridade", opina.

Lideranças da legenda, por outro lado, falam em um esforço de pacificação da sigla e em retomar o protagonismo. Em 26 de fevereiro, elegeram uma chapa única para a executiva estadual, unindo aliados paulistas do governador gaúcho, Eduardo Leite, e simpatizantes do ex-governador de **São Paulo** João Doria. Sem acordo, a escolha do presidente ficou para esta quarta-feira, 6, véspera da abertura do prazo de 30 dias para troca de partido a fim de disputar o pleito em outubro. Na reunião, o partido elegeu o ex-deputado estadual Marco Vinholi.

Site: [Link para matéria](#)